

**A RELAÇÃO ENTRE A CONSERVAÇÃO AMBIENTAL DA
FLORESTA COM ARAUCÁRIAS E OS SISTEMAS FAXINAIS NO
PARANÁ**

**LA RELACIÓN ENTRE LA CONSERVACIÓN AMBIENTAL DEL
BOSQUE DE ARAUCARIAS Y LOS SISTEMAS FAXINALES EN
PARANÁ**

**THE RELATIONSHIP BETWEEN THE FOREST
ENVIRONMENTAL CONSERVATION AND THE FAXINAIS
SYSTEMS IN PARANÁ**

Cecília Hauresko¹

cebauresko@gmail.com

Reginaldo de Lima Correia²

limcorreia@gmail.com

Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes³

marquiana@gmail.com

RESUMO: Este artigo é resultado de pesquisas e atividades extensionistas realizadas pelos autores e, tem como objetivo analisar como a apropriação social da natureza pelos faxinalenses contribui para a conservação dos patrimônios ambientais inerentes a esse sistema social, sendo eles bens materiais e imateriais. Esses bens evidenciam uma identidade tecida em torno do uso e da ocupação da floresta. Através da contextualização de duas realidades paranaenses, Faxinal dos Ribeiros, no município do Pinhão e Faxinal Anta Gorda, no município de Prudentópolis, apresenta-se a relação dos faxinais com a Floresta com Araucárias, bem como a pressão exercida por interesses alheios aos faxinalenses. Esses interesses geram conflitos territoriais e dificultam a vida dos faxinalenses.

PALAVRAS-CHAVE: Conflitos territoriais; Conservação Ambiental; Floresta com Araucárias; Sistema Faxinal.

RESUMEN: Este artículo es resultado de investigaciones y actividades extensionistas realizadas por los autores y tiene como objetivo analizar como la apropiación social de la naturaleza contribuyó para los faxinalenses y la conservación de los patrimonios ambientales inherentes a ese sistema social, siendo ellos materiales e inmateriales. Esos bienes evidencian una identidad tejida en torno del uso y de la ocupación del territorio del bosque. A través de la contextualización de dos realidades paranaenses, Faxinal dos Ribeiros, en el municipio de Pinhão y Faxinal Anta Gorda, en el municipio de Prudentópolis. Presenta la relación de los faxinales con el Bosque y con las Araucarias, además de la presión ejercida por intereses ajenos a las comunidades de faxinales. Esos intereses generan conflictos territoriales y dificultan la vida de los faxinalenses.

PALABRAS LLAVE: Sistema Faxinal – Conservación Ambiental – Floresta con Araucarias – conflictos territoriales.

¹ Professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO).

² Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO) e doutorando em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

³ Professora Adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO) e docente dos cursos de Mestrado e Doutorado em Geografia da mesma instituição.

ABSTRACT: This paper is the result of researches and extensionists activities carried out by the authors and it aims to analyze how the social appropriation of nature by the faxinalenses contributes to the conservation of environmental heritages inherent to this social system, as they are material and immaterial. These assets reveal an identity woven around the use and occupation of the forest land. Through the contextualization of two paranaenses realities, Faxinal dos Ribeiros, in the city of Pinhão and Faxinal Anta Gorda, in the city of Prudentópolis. The relationship of faxinais with the Araucaria trees forest is put forward, as well as the pressure resulted from other people's interests on the faxinais communities. These interests cause territorial conflicts and make life difficult for the faxinalenses.

KEYWORDS: Faxinal System - Conservation - Araucaria trees Forest - territorial conflicts

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de pesquisas e atividades extensionistas realizadas pelos autores, com destaque para dois projetos: Patrimônio Cultural e Ambiental na Região Centro-Sul do Paraná financiados pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI), no âmbito do programa Universidade Sem Fronteiras (2016), e do Atlas Ambiental Escolar de Guarapuava, financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisas - CNPq e Fundação Araucária (2015; 2016). O objetivo é analisar como os saberes faxinalenses e a forma como se apropriam socialmente da natureza, contribuem para a conservação dos patrimônios ambientais inerentes a esse sistema social, sendo eles bens materiais e imateriais. Esses bens evidenciam uma identidade tecida em torno do uso e da ocupação da floresta. Para isso, tem-se como estudo de caso o Faxinal dos Ribeiros, no município do Pinhão, e o Faxinal Anta Gorda, no município de Prudentópolis, ambos no Paraná.

Compreende-se patrimônio ambiental, de acordo com Pelegrini (2006), como um conceito que articula a temática do patrimônio natural que se vincula à paisagem. Essa incorpora as relações do homem com o ambiente e sugere que os “modos” ou “gêneros” do viver humano, produzem “paisagens culturais” (PELEGRINI, 2006, p. 119). Essas relações singulares, entre as culturas e o ambiente, definem os traços da própria paisagem e a distinguem de outras. Sob esse enfoque, ainda segundo Pelegrini, o conceito de patrimônio ambiental adquire dimensões sociais, cujo significado aponta a materialização dos sentidos atribuídos no decorrer do processo histórico e lhe imprime uma perspectiva dinâmica, uma conotação que promove a consciência da responsabilidade coletiva pelo ambiente.

Entende-se que o Sistema Faxinal contribui para a conservação da Floresta Ombrófila Mista (FOM), comumente conhecida como Floresta com Araucárias. A araucária está na Lista Nacional Oficial de Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção,

conforme Portaria MMA nº 243, de 17 de Dezembro de 2014, junto com outras espécies importantes que ocorrem na FOM, como a imbuia (*Ocotea porosa*) e a canela-sassafrás (*Ocotea odorifera*) (EMBRAPA, 2015). O Projeto de Conservação e de Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira, do Ministério do Meio Ambiente/PROBIO (EMBRAPA 2015), apontou a existência de apenas 0,8% de Florestas com Araucárias em estágio avançado de regeneração e que, guardam condições e características originais.

Embora o sistema faxinal possua diferentes organizações, nos Faxinais de Prudentópolis e Pinhão no Paraná, a Floresta com Araucárias é uma paisagem característica cuja apropriação social pelos faxinalenses tem especificidade seja na criação de animais, seja no extrativismo.

Para Chang (1988) o Sistema Faxinal, concilia as atividades de agricultura de subsistência (com utilização de mão de obra familiar), uso comunitário dos recursos da mata via atividades agrossilvopastoris e a conservação ambiental, incluindo a proteção do pinheiro do Paraná (*Araucaria angustifolia*), que juntamente com a erva-mate (*Ilex paraguariensis*), caracterizam a vegetação dos faxinais, hoje ameaçada.

Nesse sentido, os faxinalenses contribuem significativamente para a conservação ambiental⁴ dos remanescentes da Floresta com Araucárias, uma vez que neste caso, a apropriação social da natureza é inerente ao seu modo de vida, território não só de trabalho, mas também de reprodução social e cultural.

Contudo, a expansão das áreas agrícolas tem atingido diretamente o ecossistema correspondente à Floresta Ombrófila Mista. Essa expansão tem gerado impactos socioambientais que envolvem o desmatamento e as mudanças no uso e posse da terra, com substituição da floresta nativa por monoculturas, além da concentração fundiária.

A redução das áreas de floresta diminui a área para criação extensiva dos animais, fato que potencializa a degradação dos sub-bosques devido aos efeitos da intensificação do pastoreio dos animais, como por exemplo, superpastejo nas zonas ripárias onde está a maior disponibilidade de forragem, acesso à água, conforto térmico entre outros (THOMAZ; DIAS 2009). Nessa direção, se por um lado, não há como negar a consequência ambiental do pastoreio, por outro, o impacto pode ser substancialmente menor se comparado a outras práticas de uso do solo (como a agricultura comercial) que, via de regra, potencializam ainda mais a erosão e reduzem a biodiversidade.

⁴ A concepção de conservação ambiental nesse texto baseia-se no entendimento de que a presença de povos e comunidades tradicionais se constitui num fator importante para a biodiversidade e para a proteção das áreas florestadas, diferindo da ideia preservacionista de “natureza intocada”, na qual se pressupõe que a sua presença possa ser um empecilho à manutenção dos remanescentes florestais (DIEGUES, 1996; 2000).

Em relação aos impactos sociais, os processos de expropriação vinculados às mudanças de posse e uso das terras, dificultam o modo de vida dos faxinalenses e, muitos deles, são levados à reorganizar o seu modo de produção para resistir nos Faxinais, outros ainda, combinam as atividades no campo e na cidade como forma de agregar renda para a manutenção da família e da propriedade (CORREIA, 2015)

Os faxinalenses por meio do seu sistema cultural têm um importante papel na conservação dos capões de floresta. Afinal, sem sua presença, estes já teriam sido desmatados. E, neste aspecto, os faxinalenses podem ser considerados guardiões dos remanescentes.

A ameaça ao Sistema Faxinal se deve a um conjunto de fatores econômicos e políticos, com destaque para: a expansão da soja e da pecuária; a ampliação dos plantios arbóreos de exóticos (*pinus e eucalipto*); a especulação do preço da terra; a ausência de políticas públicas seja para o manejo ambiental, seja para garantir a permanência dos povos; a aliança entre o poder público e o privado em estratégias de pressão sobre os faxinalenses com vistas a expropriá-los das terras e/ou mudar o seu modo de vida (CORREIA, 2015; GOMES, 2012; HAURESKO, 2012). Esses fatores transformaram o Sistema Faxinal, no tempo e no espaço, colocando em risco os saberes e fazeres desses povos.

Com vistas a problematizar essa questão, neste texto será apresentada a contribuição dos faxinalenses para a conservação da Floresta com Araucárias, tendo como referência os Faxinais dos Ribeiros e Anta Gorda. O texto está organizado em três partes. Na primeira, apresenta-se os recortes de estudo. Na segunda, a caracterização do sistema faxinal e, na terceira e última parte, a relação dos faxinalenses com a floresta e o seu papel na conservação ambiental.

CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE ESTUDO: FAXINAL DOS RIBEIROS - MUNICÍPIO DO PINHÃO (PR) E FAXINAL ANTA GORDA – MUNICÍPIO PRUDENTÓPOLIS (PR) E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Os faxinais em análise situam-se na região centro-sul e sudeste do Paraná, respectivamente. Trata-se de uma região de concentração deste tipo de organização sociocultural e espacial, fator que também colabora para a presença significativa dos remanescentes de Floresta com Araucária nessa região.

A opção por apresentar essas duas realidades se deve ao fato do Faxinal dos Ribeiros ser um Faxinal com características caboclas, preservando a forma de organização

indígena e, o segundo, Faxinal Anta Gorda, ser um Faxinal com predominância de famílias descendentes de imigrantes ucranianos que se apropriaram, em parte, de práticas indígenas e caboclas, porém, alteraram, a seu modo, a forma de organizar as terras de plantar e de criar.

O Faxinal dos Ribeiros localiza-se entre as coordenadas geográficas de Latitude Sul 25°47' e 25°41' e Longitude Ocidental 51°30' e 51°34' (Figura 1), sob o domínio da Floresta Ombrófila Mista (ITCG, 2013), apresenta Clima moderado, subtropical úmido, invernos com geadas e temperatura média anual de 18° C (CORREIA, 2015).

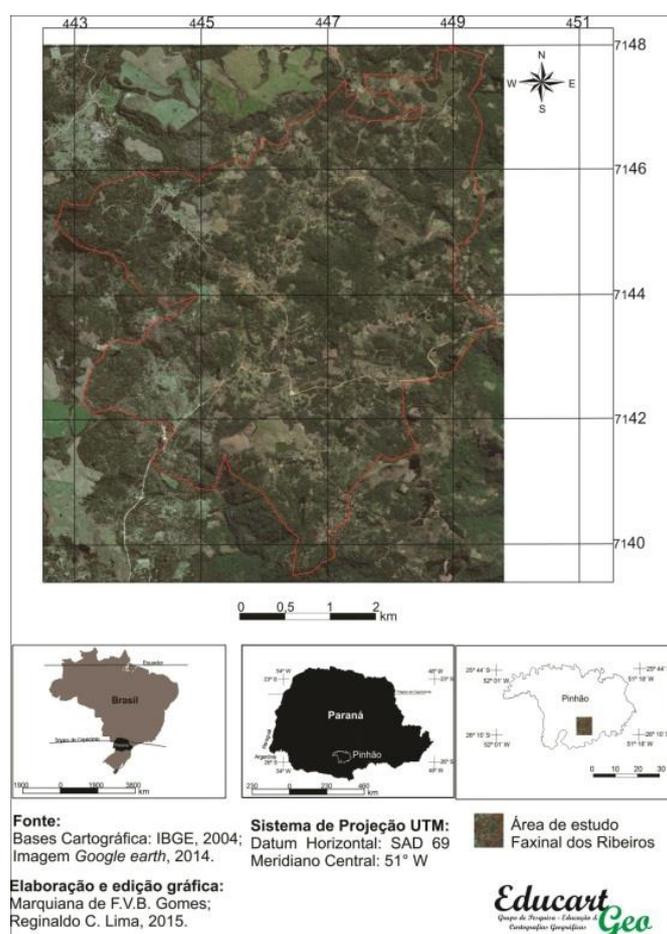


Figura 1: Faxinal dos Ribeiros, Pinhão – Paraná. Fonte: Base cartográfica: IBGE, 2004; *Google Earth*, 2014.

Está situado no Sub-planalto denominado de Planalto de Foz do Areia/Ribeirão Claro, em uma altitude que varia entre 1020 a 1296 metros, com relevo configurado como suavemente ondulado e ondulado e com declividade entre 0-20% (MINEROPAR, 2006). Já os solos da região, normalmente são ácidos e desbasificados. (RIBAS, 2010).

A localidade de Faxinal dos Ribeiros pode ser dividida em duas áreas totalmente dispare. A primeira, situada próximo às margens da PR 170, que liga o Município de Pinhão a Bituruna, está a cerca de 20 km da sede do Município e apresenta características

que em nada lembram o Sistema Faxinal, com destaque para duas delas: as áreas destinadas à monocultura, já bastante mecanizadas e a quase extinção da Floresta com Araucária. Neste caso, o termo faxinal está restrito apenas ao nome da localidade. A segunda, situada a aproximadamente 32 km da sede do município, com estradas de chão, relevo mais ondulado, engloba uma área de aproximadamente 315 hectares e com importante cobertura florestal, local onde se concentram os faxinalenses. O Faxinal Anta Gorda localiza-se entre as coordenadas geográficas 25° 6' 40" S e 25° 8' S e 51° 4' 30" W e 51° 5' 50" (Figura 2) sob o domínio da Floresta Ombrófila Mista (ITCG, 2013). Possui 612 hectares e foi regulamentado como Áreas Especiais de Uso Regulamento (ARESUR), conforme a resolução n.72 , 1997, da Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMA). Neste, o Criadouro comunitário constitui-se de 252 hectares, conforme a mesma resolução. São 41 famílias, com 139 moradores (HAURESKO, 2012).

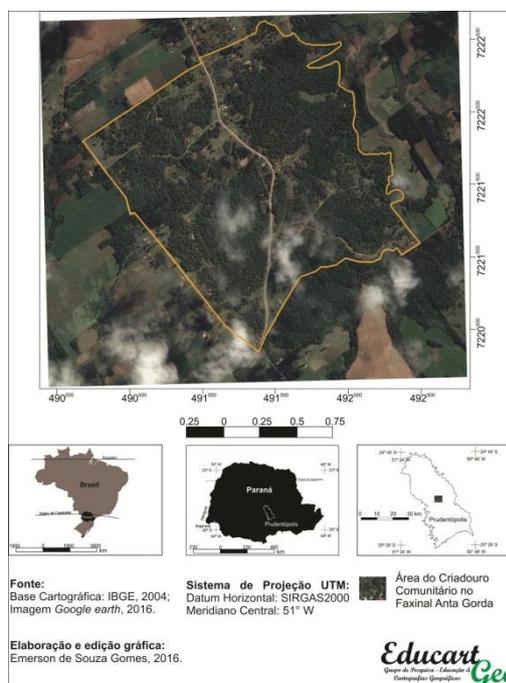


Figura 2: Localização do Faxinal Anta Gorda – Prudentópolis – Paraná. Fonte: carta do Ministério do Exército 2838-2; Imagem *Google Earth*, 2016.

O Faxinal está situado no segundo planalto do Paraná, cuja formação geológica é do grupo Passa Dois e Rio do Rastro, possui de 700 a 800 metros de altitude e o relevo é ligeiramente ondulado. Há uma importante rede de drenagem que deságua no Rio Anta Gorda, afluente do Rio São João que, por sua vez, deságua do Rio Ivaí. Em relação a pluviosidade, as chuvas são regulares, com 1400-1600 mm de chuva por ano, e a temperatura possui valores médios anuais de 17-19 °C (EGGER, 2009a). Os solos são hidromórfico gleyzados, podzólico vermelho-amarelo (arg), podzólico vermelho-amarelo e

podzólico vermelho (pp) (EGGER, 2006b.). Em relação à vegetação, possui amplas áreas de floresta densa, com alguns fragmentos de floresta mais limpa e vegetação rasteira, várzeas e uma pequena área cultivável (EGGER, 2006 a; HAURESKO, 2012).

Com vistas a compreender a dinâmica destes faxinais, optou-se na pesquisa pela metodologia qualitativa, tendo como foco de estudo os processos vivenciados pelos sujeitos (QUEIROZ *et al*, 2007), cuja análise se alicerçou no embasamento teórico sobre o recorte temático e espacial de estudo. Para isso, foram importantes os estudos sobre faxinais desenvolvidos por Chang (1988); Sahr (2005; 2008); Tavares (2008); Souza (2009); Gomes (2012); Hauresko (2012); Correia (2015); Quanto a relação desse sistema com os saberes ambientais e os elementos intrínsecos a conservação ambiental buscou-se em Diegues (2000; 2001; 2005) particularmente sobre a relação entre práticas tradicionais e a conservação ambiental; e Leff (2009) quanto a racionalidade ambiental imbricada na forma de apropriação social do ambiente por povos cujo a relação com a natureza é inerente ao seu modo de vida e existência.

Enquanto encaminhamento metodológico foram fundamentais, a observação participante (Queiroz *et al*, 2007; Scribano, 2008; Valladares, 2014), entrevistas semi-estruturadas (Lakatos, 1996); a observação simples (CRUZ; UIRÁ, 2004) e o registro fotográfico. Também foi necessária a produção de cartogramas, utilizando-se de *Software QGis*, versão 2.14; As bases de dados cartográficos principais foram: Imagens do *Google Earth*; carta do Ministério do Exército 2838-2.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO SISTEMA FAXINAL E SUA RELAÇÃO COM O AMBIENTE

O modo de vida faxinalenses possui um conjunto de relações com a Floresta Ombrófila Mista, popularmente conhecida como Floresta com Araucárias⁵.

Segundo Albuquerque e Watzlawick (2012, p. 102), a palavra Faxinal, “etimologicamente, significa mata rala com vegetação variada e faixas de campo penetrando nas matas, porém, popularmente ganha sentido como mata densa”. Neste sentido, os autores estão se referindo à Floresta com Araucárias, e não as práticas sociais dos faxinalenses, uma vez que em muitas localidades no Paraná essa cobertura florestal é denominada como Faxinal. Sobre isso, é importante esclarecer que o Sistema Faxinal não pode ser entendido apenas como a mata em si, mas sim às práticas sociais e culturais realizadas pelos faxinalenses. Neste aspecto, é possível a existência de remanescente de

⁵ A Floresta Ombrófila mista faz parte do Domínio da Mata Atlântica. Nela predominam as espécies arbóreas *Araucaria Angustifolia*, motivo pelo qual é conhecida como região de Florestas com Araucárias.

Florestas com Araucárias no Paraná sem vínculo algum com o Sistema, assim como formas organizativas realizadas pelos faxinalenses, em áreas que a mata já tenha sido bastante reduzida.

Não há uma definição única do Sistema Faxinal, Chang (1988), por exemplo, ao caracterizá-lo adotou uma perspectiva econômica, definindo-o como uma organização social, que se caracteriza pela divisão entre “terras de criar” e “terras de plantar”. As áreas de criar são espaços de uso coletivo para criadouro, onde os animais retiram o alimento das florestas. Nelas também se desenvolve o extrativismo da erva-mate, retira-se a madeira para o autoconsumo e mantem-se a moradia. Os animais passam o dia na Floresta, ou seja, no espaço coletivo e, à tarde, recebem o alimento complementar nas proximidades da residência do seu dono. As terras de plantar são os espaços individuais, onde se desenvolve a agricultura de subsistência. No Sistema Faxinal também residem pessoas que não possuem terra própria, porém, têm permissão de soltar seus animais no criadouro.

Embora bastante difundida a definição de Chang (1988), essa foi redimensionada por outros pesquisadores, tais como Sahr (2008), Souza (2009) e Hauresko (2012)) na medida em que, além da dimensão econômica, também foi considerada relevante à dimensão social e cultural para a sua compreensão. Com isso, compreende-se que o Sistema Faxinal são as terras tradicionalmente ocupadas para o uso comum das pastagens e da floresta no Paraná, que designam situações em que a produção familiar, de acordo com suas possibilidades, combina apropriação privada e coletiva dos recursos naturais Souza (2009); Gomes (2012). Trata-se de uma organização produtiva, social e cultural que integra de forma particular os povos e as Florestas com Araucárias, uma relação que é responsável de um lado, pela manutenção do Sistema Faxinal e, de outro, pela conservação da Floresta.

Geralmente, os faxinalenses se organizam em unidades familiares, com relativa autonomia e reduzida dependência da economia urbana, porque se trata de uma organização social que visa, primeiramente, a satisfação das necessidades básicas. O fato dos faxinalenses trabalharem com a agricultura e o extrativismo da erva-mate confere a este grupo um modo de vida singular e reflete a sua estreita relação com a terra e a mata.

A agricultura extensiva era praticada nas áreas de mata, que não tinham valor comercial, e por isso os faxinalenses, à maneira indígena, derrubavam esta mata, a queimavam para adubar o solo e nela produzir o seu alimento. Enquanto às matas dos faxinais, ricas em pinheiros e erva-mate, de alto valor comercial, eram mantidas. Além do aproveitamento da madeira e da coleta da erva-mate (para o consumo e a venda), os faxinalenses buscaram otimizar, ainda mais, o aproveitamento das áreas de faxinais,

transformando-as em criadouro comunitário. Assim, seus animais, dada a riqueza de pastos (grama nativa) e frutos silvestres, se alimentavam de frutos existentes na mata (como o pinhão e a guabiroba), e por isso, não necessitavam da alimentação complementar, com exceção do sal que era oferecido a eles, à moda dos caboclos⁶ da região (HAURESKO, 2009; GOMES, 2012).

No século XIX, e início do século XX, com a chegada dos colonos europeus, aconteceu, então, o cercamento do criadouro comunitário e as terras de lavoura ficaram livres. O sistema do colono difere do caboclo, que fazia o inverso, cercava a lavoura e deixava os animais soltos (GOMES, 2012).

Desse modo, as matas remanescentes, são respostas do próprio sistema, isso porque, a mata que temos hoje é recomposta a partir da formação do criadouro, pois, onde ele não existe, as matas foram substituídas por lavouras. A continuidade dessa forma de uso não se dá ao acaso, a sua manutenção também está, entre outros aspectos, relacionada ao valor econômico da erva-mate e, com ele, a sua preservação. Em tempos passados, buscava-se explorar a madeira, deixando aquelas ao entorno da erva-mate, como forma de protegê-la (CORREIA, 2015).

No Sistema Faxinal, as atividades produtivas também se associam a atividades culturais e sociais, dentre elas destacam-se o puxirão e as práticas religiosas.

O Puxirão é um modo costumeiro de trabalho cooperativo muito utilizado entre os faxinalenses, principalmente, como medida para otimizar o plantio ou realizar a restauração das cercas dos criadouros. Neste, os vizinhos se unem e se ajudam, mutuamente. No passado, era comum o puxirão de roçada para o plantio. No final da atividade, àquele que recebeu o serviço oferecia uma festa aos que colaboraram. A festa era animada pelos sanfoneiros da própria comunidade. Quando o faxinalense que recebia o serviço, estava em dificuldades, e não podia oferecer a festa, realizava-se o auxílio, era o mesmo puxirão, mas sem baile (GOMES, 2012).

As práticas religiosas são muito importantes para os faxinalenses e manifestam-se em muitos ritos de benzer, de batizar nas fontes de água de São João Maria⁷, e nas festas.

⁶ São conhecidos como caboclos os povos que tem sua subsistência baseada na agricultura, no extrativismo e na pesca, descendem da miscigenação entre índios e portugueses e, em menor grau, de africanos (DIEGUES, 2000).

⁷ O monge São João Maria integra o imaginário camponês da região como um profeta defensor das causas populares. Sua relação com as fontes diz respeito aos ritos espirituais, por ele desenvolvidos. Ao considerar essas fontes benzidas pelo monge como sagradas, os camponeses as utilizam em manifestações religiosas. A trajetória do monge está relacionada ao contexto da Guerra do Contestado (1912-1916), entre estados do Paraná e de Santa Catarina (ALVES, 2010).

Dentre elas, destacam-se a Festa do Divino e de São Gonçalo, por meio das quais a vida social no Faxinal também se materializa.

Estas práticas demonstram a relação de solidariedade e vínculos entre vizinhos, seja por parentesco ou por relações de compadrio. Muitas delas se modificaram atualmente, mas ainda persiste uma interação muito forte entre o mundo social e produtivo nos Faxinais, de conformidade a um conjunto de regras de convivência instituídas entre os faxinalenses.

O Sistema Faxinal foi passado de geração em geração e, muitas dessas pessoas, não possuem o título da terra, portanto, são posseiros. No Centro-Sul do Paraná o Sistema estruturou-se socialmente de modo que, para algumas famílias, é a única possibilidade de permanência no campo. Contudo, a entrada das madeireiras e da agricultura moderna e outros fatores têm ameaçado o sistema.

Um conjunto de processos articulados tem colaborado para a desintegração de alguns faxinais e/ou para o seu redimensionamento. Primeiro, a redução da mata, diminuindo o espaço necessário à criação coletiva. Segundo, a pressão capitalista, e com ela a mercantilização da terra, e terceiro, a falta de subsídios e políticas consistentes que deem legitimidade ao seu modo de vida.

Aqueles que permanecem no sistema são obrigados a conviver com os conflitos com os proprietários de terra ao entorno, que produzem sob outra lógica. A pressão do mercado sobre as terras é grande e, o faxinalense, muitas vezes, não vê outra alternativa a não ser vendê-la. Outro fator é a desagregação familiar e a interrupção da sucessão hereditária do estabelecimento familiar. Não havendo condições de reprodução social, os mais jovens e/ou os homens, buscam alternativas de renda em outras funções e municípios, utilizando deste ganho extra para complementar a renda familiar (CORREIA, 2015).

Com as perdas e ausência de apoio do Estado, os faxinalenses estão se organizando, desde 2005, através de um movimento social denominado Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses do Paraná (APF). Esse movimento busca defender os interesses dos faxinalenses e dar visibilidade as suas tradições, assim como o apoio político e jurídico, para reativar as terras que se perderam, no processo de grilagem da região.

O redimensionamento do Sistema Faxinal, transforma-o e, para Chang (1985), descaracteriza-o, assim o mesmo poderia não resistir aos processos modernizadores do campo. É interessante notar que, embora Chang (1985), uma das pioneiras nos estudos dos Faxinais do Paraná afirmasse isso há 30 anos, essa tese não se confirmou. Correia (2015), ,

ao pesquisar o Sistema Faxinal dos Ribeiros, no Município do Pinhão, no Paraná, afirma que em virtude dos processos de expropriação da floresta e de mecanismos que dificultam a reprodução do seu sistema cultural, os faxinalenses têm buscado formas de (re)existir, por meio das resistências à modernização imposta e da reorganização do sistema produtivo.

É, neste sentido, que as estatísticas oficiais do Instituto Ambiental do Paraná (IAP), diferem da Rede Puxirão. Para o primeiro, há 44 faxinais no Paraná (Marques, 2004), enquanto, para o segundo, são 227 faxinais (SOUZA 2009; 2010). Segundo Correia (2015), a questão é metodológica e conceitual. Alguns pesquisadores ainda mantêm como referência principal, a obra de Chang (1988), na qual o criadouro comum é um elemento fundamental no sistema, enquanto os movimentos sociais valorizam a dinamicidade do mesmo, como processos de resistência aos fatores desagregadores. Diante disso, evitam uma só tipologia, e apresentam diferentes possibilidades encontradas pelos faxinalenses para reproduzir-se socioambientalmente.

Um exemplo disso é a classificação proposta por Souza (2009) o qual, alinhado com a Rede Puxirão, classifica o Sistema Faxinal em quatro modelos: 1) Faxinais com uso comum, com criador comum aberto; 2) Faxinais com uso comum – com criador comum cercado; 3) Faxinais de uso comum – com criador com criação de grande porte; 4) Faxinais sem uso comum – com mangueirões e poteiros. Em todos eles, a floresta é um elemento comum. Sua conservação é fundamental para a reprodução do sistema. É sobre isso que nos debruçamos a seguir.

A CONSERVAÇÃO DA FLORESTA COM ARAUCÁRIAS E OS SABERES AMBIENTAIS

Os faxinais dos Ribeiros e Anta Gorda, se desenvolveram em relação estreita com a Floresta de Araucária. Os faxinalenses carregam consigo um saber ambiental constituído ao longo do tempo com base no modo de vida caboclo, que se desenvolveu por meio da interdependência com a floresta. Os faxinalenses também desenvolveram um modo particular de relação com o território, por meio de suas relações de trabalho e de produção, da constituição de sua identidade, criando desta forma, territorialidades específicas que apresentam novas geografias e dão especificidades ao modo de se relacionar com a floresta.

A Floresta com Araucária ou a fitofisionomia da Floresta Ombrófila Mista faz parte do Domínio da Mata Atlântica, que é um dos principais biomas brasileiros, formado por um conjunto de ecossistemas de grande diversidade biológica e de grande importância socioeconômica e cultural. Esse bioma corresponde a aproximadamente 13% do território

brasileiro, abrangendo um total de 17 estados, entre eles o Paraná (SANQUETTA, 2008). Todavia, esse rico ecossistema, é um dos mais ameaçados pelo processo de apropriação capitalista desse ambiente.

Conforme Sanquetta (2008) sua degradação se deve, principalmente, aos territórios de colonização e pelas diferentes formas de exploração nos mais variados ciclos econômicos [ouro, cana-de-açúcar, café], acarretando no processo de redução da área florestada. Para o autor, o processo mais intenso ocorreu nos últimos quarenta anos, com a fragmentação drástica e a redução expressiva de sua diversidade biológica, cultural e social. Hoje, restam poucas áreas florestadas que preservam características originais, e vários remanescentes vem sofrendo constantes processos de exploração da mata.

A Floresta Ombrófila Mista, originalmente com ocorrência contínua nos planaltos do Sul e disjunta na região sudeste do Brasil (Filho e Dias, 2008), cobria originalmente cerca de 40% do Estado do Paraná. Dessa superfície, de aproximadamente 200.000km², restam apenas 0,8%, e parte significativa deles ligados ao território de povos tradicionais, principalmente, aos Faxinalenses (FILHO e DIAS, 2008).

Entre as décadas de 1950 e de 1990, houve no Estado do Paraná uma intensa retirada da sua cobertura florestal, substituída por atividades agropecuárias ou pela infraestrutura econômica (estradas e hidrelétricas, por exemplo). Contudo, a principal causa da diminuição da Floresta com Araucárias foi à exploração madeireira (desordenada e intensiva) principalmente, do Pinheiro do Paraná (*Araucaria angustifolia*) e da Imbuia (*Ocotea porosa*) (WAT'ZLAWICK et al, 2008).

Sanquetta (2008) afirma que a exaustão da Floresta com Araucária, via de regra, explica-se devido: a não consideração da dinâmica desse ecossistema que depende de uma complexa cadeia de processos ecológicos para garantir sua subsistência; o desconhecimento da floresta como recurso natural renovável; a busca de benefícios econômicos à curto prazo, cuja consequência é claramente percebida pela redução dos remanescentes florestais e pela escassez de matéria prima. Outro fator destacado pelo autor e que certamente tem influência é a insularização, ou seja, a fragmentação da floresta pelas atividades antrópicas, o que faz com que os remanescentes em bom estado de conservação, não tenham como se expandir, mesmo que grandes clareiras sejam formadas, pois o uso e ocupação do solo impedem ou, no mínimo, dificultam o restabelecimento da floresta.

Na Floresta Ombrófila Mista ou Floresta com Araucária, conforme Maack (1968) e classificação do IBGE (1992) predominam como espécies arbóreas o Pinheiro do Paraná (*Araucária angustifolia*), e diversas espécies que se associam a ele, como: as canelas (dos

gêneros *Nectandra e Ocotea*) e as leguminosas (dos gêneros *Dalbergia e Machaerium*). Maack (1968) ainda considera que assim como as Florestas Pluviais Tropicais e Subtropicais de folhas caducas, a Floresta Ombrófila Mista também exhibe uma série de exemplares de lianas (cipós), embora em menor escala, xaxim com espinho (*Alsophila Nephrolepis*), pimenteiras (*Capsicodendron dimissi*), pessegueiro-bravo (*Prunus brasiliensis*), Miguel pintado (*Matayba elaeagnoides*), cambuí (*Siphonogenia*), além de 59 outras plantas de destaque como a Erva-Mate (*Ilex paraguariensis*) e a Imbuia (*Ocoteia porosa*).

Os capões de Floresta com Araucária são fundamentais ao Sistema Faxinal seja para o extrativismo, seja para a criação de animais. Segundo Filho e Dias (2008), a vegetação dos Faxinais (Figura 03) pode variar em sua tipificação, dependendo da intensidade do pastoreio e do grau de alteração da floresta, em virtude das atividades extrativistas e do desmatamento. Neles, pode-se encontrar desde a formação arbustiva, do tipo vassourais ou lajeanais, até mata primária de araucária, com alterações pouco significativas no sub-bosque, passando pelos ervais e formas secundárias. As áreas de criadouros nos faxinais são formadas por matas densas, campos nativos e matas ralas, com a diversidade de espécies florestais nativas. As características climáticas e as formas de relevo da região fazem com que a vegetação seja bastante típica.

Apresenta-se no quadro 01 algumas das espécies da Floresta com Araucárias utilizadas pelos faxinalenses nas suas práticas cotidianas.

Ocorrência	Nome Popular	Nome Científico	Usos
Usado pelos faxinalenses no Faxinal dos Ribeiros e no Faxinal Anta Gorda.	Canela guaicá	<i>Ocotea puberula</i>	Construção e lenha.
	Cedro	<i>Cedrella fissilis</i>	Acabamentos em portas, janelas e para confecção de instrumentos domésticos como as gamelas (vasilha esculpida na madeira). Espécie em extinção.
	Erva-mate	<i>Ilex paraguariensis</i>	Preparo do chimarrão. Bebida regional típica e uma das principais fontes de renda, com alto valor comercial.
	Guabiroba	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	Alimento, principalmente aos animais.
	Guaçatunga	<i>Casearia decandra</i>	Do fruto alimentam-se os animais e a madeira usa-se como lenha.
	Guaçatunga branca	<i>Casearia obliqua</i>	
	Guamirim	<i>Cabycorctes psidiiflorus</i>	
	Imbuia	<i>Ocotea porosa</i>	Construção de residências e cercas. Madeira nobre, com grande resistência.
	Mamiqueira/ Mamica de porca	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i>	Lenha.
	Miguel pintado	<i>Matayba elaeagnoides</i>	
	Pinheiro do Paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	Construção de casas, chiqueiros e paióis.
Vacum	<i>Allophylus edulis</i>	Consumo humano e dos animais do criadouro.	
Uso pelos faxinalenses apenas no Faxinal dos Ribeiros, Município do Pinhão-PR.	Ariticum	<i>Rollinia rugulosa</i>	Construção e lenha.
	Canela	<i>Ocotea indecora</i>	
	Canela Imbuia	<i>Ocotea porosa</i>	Preparo do chimarrão. É substituta da erva-mate, porém, seu sabor é mais amargo e seu valor comercial é menor.
	Caúna, congonha	<i>Ilex microdonta</i>	
	Leiteiro	<i>Sapium glandulatum</i>	
Uso pelos faxinalenses apenas no Faxinal Anta Gorda, Prudentópolis-PR.	Bracatinga	<i>Mimosa scabrella</i>	Lenha.
	Canela Alho	<i>Cinnamomum vesiculosum</i>	Uso da madeira para lenha e outros fins.
	Canjerana	<i>Cabralea canjerana</i>	Lenha.
	Cerejeira	<i>Eugenia involucrata</i>	Consumo humano, dos animais do criadouro e das aves.

Caúna graúda Caúna miúda	<i>Ilex theezans</i> <i>Ilex dumosa</i>	Mistura-se na erva-mate. Preparo do chimarrão. É substituta da erva-mate, porém, seu sabor é mais amargo e seu valor comercial é menor.
Gurupιά	<i>Celtis iguanaea</i>	Alimento para os animais do criadouro e para as aves.
Uva Japão	<i>Hovenia dulcis</i>	Alimento para os animais do criadouro, principalmente para as abelhas.
Pau de Bugre/Café de Bugre	<i>Casearia sylvestris</i>	Os faxinalenses temem o contato com essa árvore, pois acreditam que o mesmo causa feridas na pele. Por isso, segundo a tradição, uma forma de proteger-se é cumprimentá-la da seguinte maneira: Bom dia, Pau de Bugre!

Figura 3: Relação das espécies vegetais da Floresta com Araucárias utilizadas pelos faxinalenses nas suas práticas cotidianas. Fonte: EGGER (2009); WATZLAWICK (et al, 2008). Atualização realizada pelos autores por meio de entrevista com faxinalenses em Pesquisa de campo no Faxinal Anta Gorda, município de Prudentópolis – PR, e no Faxinal dos Ribeiros, Município do Pinhão – Paraná, em 2016. Organização: Autores, 2016.

Os faxinais mantiveram grande parte de sua vegetação nativa, devido ao modo de vida, conciliando atividades extrativistas, a criação de animais e a agricultura de subsistência. Nos territórios de floresta, desenvolvem atividades extrativistas e aproveitam tudo o que esta lhes oferece: madeira, lenha, frutos para alimentação dos animais ou para o próprio consumo, ervas medicinais, erva-mate e o pinhão. Nas áreas de capoeira organizam os roçados onde cultivam milho e feijão, utilizando de técnicas e instrumentos adequados às potencialidades dos solos, conservando a estrutura fundamental do solo e assegurando certo equilíbrio ambiental. Desta forma, os faxinalenses exploram os potenciais e recursos existentes, dando condições para a reprodução das florestas ou dos capoeirões através do rodízio de roçadas e da existência dos criadouros (MARCON, 1999).

Como mencionado anteriormente, o processo de desmatamento foi intenso no Paraná durante até 1980. Uma vez esgotada a madeira, as serrarias se transferiram para outros locais, sem nenhum compromisso econômico ou ambiental com a área explorada. Na sequência, a transferência de posse da terra, associada a políticas de colonização pelo estado, voltada aos territórios compreendidos como “espaços vazios” e/ou “improdutivos” ampliou o conflito de uso da/na floresta, assim como, legitimou novas práticas de

desmatamento (GOMES, 2012). Desde então, a pressão sobre o Sistema Faxinal passou a ser a especulação fundiária e o processo de modernização do campo, como ênfase para a produção de monoculturas e, com eles a apropriação das terras vizinhas aos faxinais, ou até mesmo, dentro dos faxinais, por pessoas que não compreendem o sistema. A chegada de novos sujeitos [agricultores vinculados a outra lógica produtiva] nos territórios de faxinais, além de não impedir o corte da madeira, tem intensificado a substituição do uso da terra pelo agronegócio.

Com a diminuição das áreas destinadas aos criadouros [áreas de floresta] a alimentação dos animais domésticos e silvestres está sendo comprometida, pois as frutas como a guabiroba (*Campomanesia xanthocarpa*), araçá (*Myrcia glaba*) e pitanga (*Eugenia uniflora*) estão cada vez mais escassas, obrigando as famílias a utilizar de suplementos [como o milho] para alimentar os animais (WATZLAWICK et al, 2008).

O processo de devastação da floresta e, conseqüentemente, da diminuição das áreas de Faxinal, leva a perda de uma variedade de espécies da fauna e da flora nativas e, com isso, dificulta a reprodução de algumas praticas culturais dos faxinalenses.

Hauer (2010) destaca que cada geração é receptáculo de um conjunto de conhecimentos, tradições, instituições e cultura material acumulados pelas gerações anteriores. Todos esses fatores, sujeitos às pequenas modificações feitas pelas pessoas, constituem seu modo de viver, sua forma de tirar do ambiente o necessário para sua subsistência. Os estilos de vida variam de acordo com o lugar e o momento histórico.

Com a devastação da floresta impede-se a reprodução de certas práticas, ou seja, os modos de viver são transformados, perdendo assim grande parte da diversidade ambiental e cultural desses povos. A contribuição dos povos faxinalenses para com a Floresta com Araucárias pode ser exemplificada em três ações que se articulam: a) A floresta é o ambiente de criação coletiva dos animais, sem ela, não há como manter o modo extensivo de criação, isso implica em uma organização comunitária em detrimento da individual; b) O extrativismo da erva-mate e do pinhão buscam ser realizados em períodos adequados, evitando a retirada precoce, assim como observando a saúde da vegetação [os faxinalenses possuem um saber sobre quando e como realizar a poda da erva-mate para não prejudicar os ervais; c) Mesmo na retirada da madeira, há um cuidado, no sentido de cortar apenas para o uso necessário, e em pouca escala, preservando as madeiras de lei.

Além disso, é muito comum a comunidade vigiar a floresta, denunciando práticas criminosas de desmatamento. No extrativismo da erva-mate, o faxinalense respeita um período de regeneração dos ervais para a poda, entre 02 e 03 anos e sabem o mês adequado

para o extrativismo, conservando os brotos. O mesmo ocorre com o extrativismo do Pinhão.

Os povos faxinalenses estabeleceram uma relação com a floresta, relativamente sustentável, num *continuum* entre sociedade e natureza. Essa se expressa no manejo dos recursos florestais, mas também, no sistema de rodízio de terras agricultáveis. O rodízio das terras agricultáveis acontece por meio da rotação de cultura e de áreas, ou seja, a maneira indígena. Após usar por determinado período uma área, o faxinalense, deixa a mesma se recuperar em sistema de “pousio” (descanso), garantindo a regeneração da vegetação nativa arbustiva.

Atualmente, o manejo de animais silvestres foi abandonado pelos povos faxinalenses, pois não praticam mais a caça, contudo, mantem-se o manejo das criações domésticas. Diegues (2000, p. 20) lembra que “esses sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, por intermédio de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação do Sistema Faxinal com a Floresta com Araucárias, está imbricada nas práticas sociais dos faxinalenses, atitudes que têm efeitos pertinentes na própria sobrevivência da Floresta. Os povos tradicionais manejam sustentavelmente o ambiente, com um estilo de vida baseado em ações coletivas que não permitem esgotar os bens naturais mantidos para uso comum e sob controle coletivo, considerando que estão sujeitos à acordos comunitários que (de)limitam o acesso à eles. As regras intrínsecas de uso dos bens naturais pelos faxinalenses pode ser considerada como efeito de um conjunto de interesses e de práticas sociais que se articulam e de ordens materiais diversas, que dão sentido e organizam processos sociais através de certas regras, meios e fins socialmente construídos. Nesse sentido, não significa dizer que cada faxinalense pode usar os bens naturais como lhe agrada, de modo alheio aos interesses comunitários e a conservação ambiental. O modo de vida dos faxinalenses incorpora um conjunto de valores e critérios que não podem ser avaliados, unicamente, em termos da racionalidade econômica. A racionalidade ambiental se refere a um conjunto de significações, normas, valores, interesses e ações socioculturais relacionados a apropriação da natureza.

No que se refere aos Faxinais, os povos integrados a este sistema, possuem uma racionalidade ambiental expressa na sua prática produtiva, social e cultural, as quais constituem um conjunto de saberes ambientais inerentes a relação deste sujeito social com a floresta. O saber ambiental, transmitido de geração a geração, é também um saber tradicional.

Nessa visão holística do ambiente, os povos tradicionais têm uma percepção da natureza como um espaço-tempo interligado, na qual as condições ecológicas e ambientais da região permitem desenvolver atividades agroflorestais, como a pecuária e o extrativismo. Essas atividades demonstram um enorme conhecimento sobre técnicas de manejo da floresta, fases da lua, estações do ano, tipo de solos, condições topográficas, ciclos bio-geo-químicos, ecológicos e hidrológicos.

O que se observa no Faxinal dos Ribeiros, no município do Pinhão, é que diante dos diferentes processos de expropriação e transformação “compulsória” pela entrada de outras racionalidades no Faxinal, a comunidade tem buscado meios de (re) existir reorganizando seu território e participando de organizações sociais de luta, como a Rede Puxirão. No Faxinal Anta Gorda, transformada em ARESUR, a pressão se dá via interesses alheios ao Sistema, que também geram conflitos na comunidade, porém por ser uma área regulamentada existe, por parte da comunidade, um instrumento a mais na luta para manter o seu modo de vida.

Nesse sentido pode-se dizer que, as distintas práticas dos faxinalenses, especialmente as de uso comum aumentam a liberdade de uso dos bens naturais e ao mesmo tempo os protegem em termos ambientais porque garantem acesso mais amplo a eles e são monitorados pela própria população. A manifestação favorável dos faxinalenses às regras que são comuns podem ser tomadas com as responsáveis pela mobilização coletiva que garante a reprodução do sistema faxinal e a manutenção da floresta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, J. M. de. **Florística, estrutura e aspectos físicos de floresta ombrófila mista em Sistema Faxinal no município de Rebouças, Paraná**. Irati, 2009. *Dissertação* (mestrado). Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO.
- ALLEGRETTI, M. **A construção social de políticas públicas**. Chico Mendes e o movimento dos seringueiros. *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 18, p. 39-59, jul./dez. 2008. Editora UFPR.

- CHANG, M. Y. **Sistema Faxinal**: uma forma de organização camponesa em desagregação no centro-sul do Paraná. Londrina: IAPAR, 1988. (Boletim técnico, 22).
- CORREIA, R. de L. **Conflitos territoriais e r-existências no Faxinal dos Ribeiros**. Guarapuava, 2015. 124 f. *Dissertação* (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO.
- DIEGUES, A. C. A etnoconservação da natureza. In: _____. (Org.). **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Hucitec e NUPAUB, p. 1-46, 2000.
- _____. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- EGGER, A. **Geoökologische Untersuchung des Faxinal-Waldweidesystems der Hochländer von Paraná, Südbrasilien**. Im Selbstverlag des Geographischen Instituts der Universität Heidelberg. 2009.
- EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Pesquisa científica, conservação e utilização da Floresta com Araucárias**. 30/11/15 - Florestas e silvicultura. Disponível em: <http://www.embrapa.br>. Acesso em 30 de Setembro de 2016.
- GOMES, M.F.V.B. **Cartografias da Paisagem**: Trajetória Socioambiental de Guarapuava. Guarapuava. Ed. UNICENTRO, 2012.
- HAUER, M. As Florestas no Paraná: um Processo de Involução. In: SONDA.C.; TRAUZYNSKI, S.C. **Reforma Agrária e Meio Ambiente**: teoria e prática no estado do Paraná. Curitiba: ITCG, 2010. pp. 27-44.
- HAURESKO, C. **Lugares e Tradições**: As comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.
- _____. **Entre tradição e modernidade**: O lugar das comunidades faxinalenses de Taquari dos Ribeiros (Rio Azul – PR) e Anta Gorda (Prudentópolis- PR). 225 f. 2009. Tese (doutorado em Geografia) Rio Claro, São Paulo: UNESP.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Manual técnico da vegetação brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 1992. Série manuais técnicos em geociências, n. 1.
- LEFF, H. **Saber Ambiental**: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: 7ª. Ed. Vozes, 2009.
- LOUREIRO, Wilson. **Contribuição do ICMS Ecológico a conservação da Biodiversidade no Estado do Paraná**. 2002. *Tese* (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- MAACK R. **Geografia Física do Estado do Paraná**. Curitiba: Ed. Max Roesner, 1968.

- MARCON. T.; Cultura e natureza: modos de vida dos caboclos do Goio-En (SC). In: **Projeto História**. São Paulo, (18), maio, 1999. MARQUES, C. L. G. Levantamento preliminar sobre o Sistema Faxinal no estado do Paraná. Guarapuava, 2004. 192 p. (Relatório Técnico) – Instituto Ambiental do Paraná
- MINEROPAR. **Atlas geomorfológico do Estado do Paraná**. Curitiba, 2006.
- PARANÁ. **Decreto Estadual nº 3.446, de 25 de julho de 1997**. Cria as Áreas Especiais de Uso Regulamentado - ARESUR no Estado do Paraná e dá outras providências. Curitiba, 1997. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br>. Acesso em 22 de setembro de 2016.
- PELEGRINI, Sandra C. A. **Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo 2006, v. 26, nº 51, p. 115-140. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n51/07.pdf>. Acesso em: 30 de Setembro de 2016.
- QUEIROZ. D.T. Vall. J. SOUZA. A.M.A.. VIEIRA. N.F.C. Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e Aplicações na área da saúde. **Revista Enferm UERG**, Rio de Janeiro, 2007, abr./jun; 12 (2): 276-283.
- RIBAS. C. **Caracterização da fertilidade atual dos solos da região de Guarapuava PR**. Dissertação (Mestrado em Agronomia). Universidade Estadual do Centro Oeste, UNICENTRO, UNICENTRO, 2010. 52p.
- LÖWEN S. C. L. **Faxinalenses: populações tradicionais no bioma da mata com araucária?** In: Anais do 1º Encontro dos Povos dos Faxinais, Irati – PR: 2005. p. 53-62
- SANQUETTA. C.R. **Estudos ecológicos de longa duração: exemplo de aplicação para a Floresta Ombrófila Mista no Estado do Paraná, Brasil**, In: SANQUETTA. C.R. (org.) **Experiências de monitoramento no bioma Mata Atlântica com uso de parcelas permanentes**. Curitiba, 2008, Fundação Universidade Federal do Paraná, pp. 03-45.
- SCRIBANO, Adrián. **El proceso de investigación social cualitativo**: Buenos Aires: Prometeo, 2008.
- SOUZA. R.M.. Mapeamento Social dos Faxinais do Paraná. In: ALMEIDA. A.W.B.. SOUZA.R.M.(orgs.). **Terras de Faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, 2009, p. 29-88.
- TAVARES, L. A. **Campesinato e os faxinais do Paraná: terras de uso comum**. 2008. 751f. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Geografia Humana, Departamento de Geografia, FFLCH, USP, São Paulo, 2008.

THOMAZ, E. L.; DIAS, W. A. **Bioerosão** – Evolução do Rebanho Bovino Brasileiro e Implicação nos Processos Geomorfológicos. *Revista Brasileira de Geomorfologia*. v.10, n.2, p. 3-11, 2009

VALLEJO. **Unidades de conservação**: uma discussão teórica à luz dos conceitos de território e de políticas públicas. *Geographia*, v. 4, n. 8 (2002), p.1-22.

WATZLAWICK, L.F.; ALBURQUEQUE, J.M.; SILVESTRE, R.; VALÈRIO, A.F. Projeto Sistema Faxinal : implantação de parcelas permanentes. In: SANQUETTA, C.R. (org.) **Experiências de monitoramento no bioma Mata Atlântica com uso de parcelas permanentes**. Curitiba, 2008, Fundação Universidade Federal do Paraná, pp. 177-210.

Submetido em: 10 de outubro de 2016

Aceito em: 27 de janeiro de 2017